

ETNOCENTRISMO E SUAS ESPECIFICIDADES NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE

Genuzi de Lima¹

² Trabalho apresentado ao Centro de Estudos Superior Arcaño Mikael de Arapiraca – CESAMA, em parceria com a Central de Ensino e Aprendizado de Alagoas – CEAP e Universidad Autónoma Del Sur – UNASUR como requisito final para obtenção do título de Mestra, genuzil@bol.com.br

RESUMO

Neste texto observa-se a origem e a diversidade cultural em que se vive um grupo, é um país que existe múltipla cultura entre o povo brasileiro. Este artigo analisa as dimensões teóricas e conceituais no que tange aos princípios, valores e visões de uma sociedade que é primordial para nossa constituição humana, e se privar de conhecer de maneira que o etnocentrismo tem o seu grupo como centro de tudo, julgando o seu sistema de referência como a luz de seus valores e desrespeitando/desconsiderando aos demais. Assim pressupõe que o indivíduo, ou grupo de referência, se considere superior àqueles que ele julga, e também que o indivíduo, ou grupo etnocêntrico, tenha um conhecimento muito limitado dos outros, mesmo que viva na sua proximidade. Analisa-se referência bibliográfica, vivência empírica, citações e textos científicos confrontando-os com a realidade. Faz-se necessário rever conceitos de crença da superioridade do branco, do europeu, do negro, do índio, do civilizado, de outros não passa de preconceito etnocentrista, já deveríamos a muito ter superado esses preconceitos sem futuro, em nome de uma convivência mais inteligente da diversidade do ser humano e da paz entre as nações.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade, Etnocentrismo, Antropologia, Preconceito, Vivência Empírica.

ABSTRACT

This text observes the origin and cultural diversity of a group. It's a country with a rich culture among Brazilian people. This article analyses the conceptual and theoretical dimensions concerning the bases, values and visions of a society that is fundamental to our human constitution. It puts the idea, ethnocentrism has a group as the center of everything, judging their reference system in the light of their values and attitude towards other cultures, in question. It also presumes that the individual, or the reference group, consider themselves superior than people from other cultural groups, even though an ethnocentric group often has very limited knowledge about other ethnic groups. It analyses bibliographic references, comparative experiences, citations and scientific texts and confronts these observations with the social reality. It's necessary to review the concepts of our cultural beliefs with regards to the perceived superiority of white over black people as well as Europeans over indigenous, and is about an ethnocentrism opinion, we need to leave these prejudices, which do not give justice, to achieve a better intelligent living with human diversity and peace among the nations.

KEYWORDS: Diversity, Ethnocentric, Anthropology, Empirical Experience.

INTRODUÇÃO

O tema convida o sujeito brasileiro a fazer uma análise sobre sua origem e a diversidade cultural em que vive, uma vez que um país multicultural existe diversas culturas e etnias entre o povo brasileiro, observe o que diz Moreira, 2001.

Em poucas palavras o etnocentrismo acontece quando nos deparamos com alguém ou algo diferente, a partir desse momento ocorre um choque de culturas, na qual o "eu" busca valores e cria uma definição ou preconceito do fato.

Poderia ser analisado como uma imposição de uma referência se a cultura no que tange aos princípios, valores e visões de mundo são primordiais para nossa constituição humana, e se privar de conhecer de maneira que o etnocentrismo tem o seu grupo como centro de tudo, julgando o seu sistema de referência como a luz de seus valores e desrespeitando/desconsiderando aos demais. Observe sob o prisma do francês Conde Gobineau (1940) considerado o pai das teorias racistas.

Assim pressupõe que o indivíduo, ou grupo de referência, se considere superior àqueles que ele julga, e também que o indivíduo, ou grupo etnocêntrico, tenha um conhecimento muito limitado dos outros, mesmo que viva na sua proximidade.

É preciso lembrar que com a diversidade cultural que possui o Brasil em sua origem foi um país etnocêntrico, e continuará. A desvalorização de crenças e meios de expressão ocorre com os povos que foram escravizados ao longo de nossa história. Esse modo de pensar veio com os portugueses quando chegaram aqui e encontraram os índios.

Dessa forma, com uma cultura “atrasada” aos olhos europeus, eles se sentiram no direito de impor sua cultura “avançada” sobre as tribos, em parte para dominá-las mais facilmente, em outra para assegurar que sua própria cultura não fosse destruída ou alterada pelos costumes nativos. O mesmo pode se dizer dos escravos africanos que foram trazidos para a colônia, porém, foram e ainda continuam perseguidos por sua cultura e costumes. Em muitos lugares do país a perseguição aos índios, negros e “outros” que praticam suas tradições é alarmante e fora da realidade.

O etnocentrismo está, certamente, entre as principais causas da intolerância internacional e da xenofobia (preconceito contra estrangeiros ou pessoas oriundas de outras origens). Basta pensarmos nas relações entre norte-americanos e latinos (sobretudo mexicanos)

imigrantes, entre franceses e os povos vindos do norte do continente africano que buscam residência neste país, apenas como exemplos. A visão etnocêntrica caminha na contramão do processo de integração global decorrente da modernização dos meios de comunicação como a internet, pois é sinônimo de estranheza e de falta de tolerância.

Além disso, apesar de ainda existir em nível social muito preconceito e ignorância, muda-se este panorama em nível artístico. Porque há uma mistura de gêneros e gostos, pode parecer supérfluo, mas já mostra que o relativismo cultural não funciona apenas no papel e sim na prática. Deveríamos deixar o preconceito (proposital) colonial que está intrínseco na essência e observarmos com um novo olhar e expandirmos nossa já rica cultura em novos paradigmas.

Tomar conhecimento do outro sem aceitar sua lógica de pensamento e de seus hábitos acaba por gerar uma visão etnocêntrica e preconceituosa, o que pode até mesmo se desdobrar em conflitos diretos e gerar violência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

A dimensão deste assunto é complexo, está contido na demanda, no aspecto temporal, na verificação da presença porque é uma realidade que convivemos na nossa sociedade e vamos abordar conceitos que são disseminados na sociedade contemporânea sob o olhar de Meneses (1999, p. 13),

Etnocentrismo é um preconceito que cada sociedade ou cada cultura produz, ao mesmo tempo que procura inculcar, em seus membros, normas e valores peculiares. Se sua maneira de ser e proceder é a certa, então as outras estão erradas, e as sociedades que as adotam constituem “aberrações”. Assim o etnocentrismo julga os outros povos e culturas pelos padrões da própria sociedade, que servem para aferir até que ponto são corretos e humanos os costumes alheios. Desse modo, a identificação de um indivíduo com sua sociedade induz à rejeição das outras.

Podemos usar os instrumentos de pesquisa com o olhar de Gatti (2002):

[...] na pesquisa, muito importante são os dados com que trabalhamos. E dado pode ser desde um conjunto de medidas bem precisas que tomamos até depoimentos, entrevistas, diálogos, discussões, observações, etc.

Este artigo é oriundo de referência bibliográfica e também empírica. Constitui-se em análises de citações e textos científicos confrontando-os com a realidade. Foram coletadas informações de textos disponíveis na internet que ratificam que as sociedades são multiculturais, multiétnicas ou mestiças, o que significa dizer que se caracterizam por variedades de identidades

simbólicas e expressivas, e essa diversidade cultural acaba apresentando-se como fatores e estereótipos e ainda mais por aquelas sociedades, raças e outros grupos que se consideram superiores em relação aqueles que por inúmeros fatores ainda não alcançaram aquele grupo.

Percebe-se que etnocentrismo não é um fato exclusivo das sociedades ocidentais também encontramos nas sociedades tradicionais e pode se constatar no fragmento do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1976; p. 334).

Consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais: morais, religiosas, sociais, estéticas, que são as mais afastadas daquelas com as quais nos identificamos. “Hábitos de selvagens”, “na minha terra é diferente”, “não se deveria permitir isso”, etc, tantas reações grosseiras que traduzem esse mesmo calafrio, essa mesma repulsa diante de maneiras de viver, crer, ou pensar que nos são estranhas. Assim, a antiguidade confundia tudo o que não participava da cultura grega (depois greco-romana) sob a denominação de bárbaro; a civilização ocidental utilizou em seguida o termo selvagem com o mesmo sentido. Ora, subjacente a esses epítetos, dissimula-se um mesmo julgamento: é provável que a palavra bárbaro se refira etimologicamente à confusão e à inarticulação do canto dos pássaros, opostas ao valor da linguagem humana; e selvagem quer dizer “da selva”, evoca também um gênero de vida animal, por oposição à cultura humana. Em ambos os casos, recusamos admitir o próprio fato da diversidade cultural; preferimos lançar fora da cultura, na natureza, tudo o que não se conforma à norma sob a qual se vive.

Em suma, a pesquisa vem demonstrar o preconceito diante de um grupo que cria seus conceitos que abrange as modificações culturais: morais, religiosas, sociais, estéticas, liberdade, justiça, luta dos oprimidos, dos grupos raciais, regionais, gêneros e étnicos, da sua essência massacrada, na busca de sua identidade cidadã, da inclusão e sobrevivência na sociedade.

Veja o etnocentrismo na perspectiva de Boneti (2009, p. 166):

Existe uma tendência de alguns povos, sobretudo os que se consideram “desenvolvidos”, adotarem o entendimento segundo o qual suas sociedades centralizam a verdade em termos de costumes culturais, desenvolvimento social e econômico etc. Estas sociedades têm dificuldade de compreender como verdade as diferenças culturais se não as suas.

O Etnocentrismo valoriza e privilegia apenas um tipo de universo de representações que considera como certo, e quem não está dentro das normas estabelecidas pelo grupo deve passar para o andar de cima, podemos constatar no que fala Carvalho (1997):

O etnocentrismo origina e tem origem na "heterofobia" (o Outro – em suas diversas formas: primitivo, selvagem, louco, imaturo, homossexual, "homens de cor", crianças problemáticas, fascistas, baderneiros, "hippies", "mulheres de vida fácil", hereges, etc. – constitui "perigo" que deve ser exterminado).

Esse fulcro do antropocentrismo espreita as manifestações de preconceito “aos outros”, de repulsa aos negros, indígenas, aos velhos, aos caretas, aos vagabundos, aos nordestinos em muitos aspectos, tais como, mão-de-obra de qualidade inferior nas regiões sul e sudeste, pagando um salário inferior e o pior este sentimento se reveste de um manto legal.

E neste contexto constatamos que há quatro linhagens de estratégias no etnocentrismo que bem define o politólogo Taguieff (1990):

1 antropofagia dialógica: racização amena de englobar o Outro pelo discurso persuasivo, forma predominante, em educação, do "*homo academicus*" e de muitas pedagogias dialógicas; é fundamental, em forma estereotipada, na mídia política;

2 antropofagia digestiva: racização repressiva da assimilação dos outros a si, todas as formas de aculturação;

3 antropoemia genocida: racização terrorista da destruição dos outros, como no caso das perseguições aos judeus, armênios, ciganos, feiticeiras, linchamentos, etc;

4 antropoemia da tolerância: racização específica do desenvolvimento "em separado": em aparência, respeita-se tanto o outro, tolerando-o, o que na realidade, acaba-se por isolá-lo, não se dando aos trabalhos dos enfrentamentos de diferenças, típico de todas as ideologias do relativismo e ecumenismo.

Antropologicamente falando, o interesse pela diversidade dos povos e das culturas está baseado no que se chama de em uma discussão sobre etnocentrismo e territorialidade, ao abordarem o tema do racismo e do preconceito principalmente com os negros no Brasil desde a época da escravidão, evidenciam que nos dias atuais. (Conceição e Paula, 2011, p. 18)

Por seu turno, os imigrantes negros e não-negros provindos dos estados da região nordeste e seus descendentes, todos movidos, a um, pela discriminação que lhes infligem os grupos estabelecidos e, a outro, pela comunhão de origem e orientações valorativas básicas que mantêm conformam-se também em um grupo étnico: o dos nordestinos.

A discussão a respeito do etnocentrismo e do relativismo cultural é tão necessária de uma implementação efetiva na prática das relações sociais que a noção de bárbaro e de civilizado encontra-se deveras às avessas veja no ponto de vista de Muzaffar (2005, p. 3)

Aqueles que se cobrem com o manto da civilização são os senhores do mundo neste momento crítico da história. Eles estão em posição de moldar o discurso global sobre o que é certo e o que é errado, quem é bom e quem é mau. O seu poder é tão esmagador que transformar o opressor em libertador, o agressor em vítima, o belicista em pacifista.

Meneses, (1999, p. 15) diz que Antropologicamente que o interesse pela diversidade dos povos e das culturas está baseado no que se chama de:

Relativismo cultural que considera como sociedades alternativas e culturas tão válidas quanto as nossas, esses povos cuja própria existência questiona nossa maneira de ser, quebrando o monopólio, que comumente nos atribuímos, da autêntica realização da humanidade no planeta. Enquanto o etnocentrismo é um preconceito, e suas derivações doutrinárias (racismo, evolucionismo cultural etc.) são ideologias (consciência falsa e falsa ciência), o *relativismo cultural* pertence à esfera da ciência.

Neste estudo não existirá somente conceito do etnocentrismo, das classes dominadas e dominantes, também a participação de pesquisadores propiciando visões que não seriam fora do contexto, mas sim de interação mostrando os diferentes grupos étnicos, raciais de gêneros e outros grupos afins com um novo discurso para a reconstrução social. É um sistema de participação híbrida. Portanto neste contexto surgiram pesquisadores no intuito de alertar quanto ao preconceito e observar as questões sob outro prisma.

Seguindo a linhagem de Vergara (2003) que descreve que a pesquisa descritiva como aquela que expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno, podendo ainda estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza.

Este artigo é oriundo de análises, reflexões, referências bibliográficas e vivência empírica utilizando o método descritivo, que define Vergara (2007), pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público.

O Etnocentrismo está presente em várias instâncias, seja de forma direta ou implícita com o conhecimento dessa realidade esta pesquisa é para repensar conceitos e despertar a consciência de

que não podemos alastrar esses preconceitos e aceitar essa situação que predomina e subordina a classe dos oprimidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não dissipou o preconceito etnocentrista porque podemos constatar que vem desde os primórdios e que a jornada é longa, mas mostra o atalho para o relativismo cultural e abre um leque em que percebemos que a sociedade mais parece organismos, onde indivíduos e famílias vivem no meio de um grupo mais amplo que os reconhecem e não somente os conceituam e se tornam responsáveis por eles; é solidário nas ocasiões de necessidade; toma sua defesa sempre que preciso, mas o rotulam e até os excluem.

Às vezes não temos consciência de determinadas posturas e atitudes diante dos grupos com os quais convivemos, muitas vezes, repletas de resquícios de atitudes preconceituosas e sem nos darmos contas rotulamos e aplicamos estereótipos através dos quais enveredamos para o confronto com a diferença, é interessante o que assevera Carvalho, 1997 que ao "outro" negamos aquele mínimo de autonomia necessária para falar de si.

Abruptamente as idéias etnocêntricas estão arraigadas em verbetes do cotidiano que não identificamos de forma pejorativa, mas a usamos e a proliferamos com desdém: "mulheres", os "negros", os "indígenas", os "paraibas", os "colunáveis", os "doidões", os "surfistas", as "dondocas", os "velhos", os "caretas", os "vagabundos", "aquelasinhas", "os homossexuais" e todos os demais "outros" com os quais temos familiaridade, são uma espécie de "conhecimento" um "saber", baseado em formulações ideológicas, que no fundo transforma a diferença pura e simples num juízo de valor preconceituoso etnocêntrico.

Portanto percebemos que naquele grupo ninguém se sente só, isolado, anônimo. Nenhuma família é marginalizada, excluída do acesso aquele espaço, da participação nas decisões do grupo.

Diante de tantas definições podemos afirmar que Etnocentrismo é um preconceito incutido em seus indivíduos, que seguem normas e valores daquela sociedade, portanto quem divergir está à margem daquele grupo.

O essencial não é só acumular tesouros, e sim, relacionar-se com seus semelhantes, interagir, intercambiar pensamentos, compartilhar sentimentos, festejar e celebrar alegrias, vitórias e, também as intempéries da comunidade.

O trabalho ocupa um terço do dia; o resto deveria ser para conversar, divertir, estudar, dormir... E por que não sonhar?

Não deveríamos ter presídios, nem juiz, promotor, advogado, nem polícia e jamais hora programada, nunca patrão...

A educação, a vida sexual, as relações pessoais desenrolam-se em clima de espontaneidade e franqueza que, às vezes, fascina quem vai conviver com eles.

Não se trata de recriar conceito, nem de fazer etnocentrismo às avessas, sonhando com outra sociedade para denegrir a nossa que produziu todo tipo de sentimento torpe e também armas, como bomba atômica e outras que massacraram povos, poluíram o planeta...

Não podemos deixar de valorizar o teatro da Grécia, a ciência de Galileu, a medicina de Hipócrates, a música de Mozart, a conquista da terra, do mar, do espaço e a proliferação da informática.

O intuito é apontar outras evidências, conhecer outras sociedades, vivências, valores humanos dignos de todo o respeito, oferecer aos seus membros uma qualidade de vida em que a alegria e a felicidade estão ao alcance de todos, não podem ser depreciadas, pois são realizações autênticas do homem sobre a terra, dignas de admiração.

Caminhamos para o terceiro milênio deveríamos rever conceitos de crença da superioridade do branco, do europeu, do negro, do índio, do civilizado e “outros” não passa de preconceito “etnocentrista”, já deveríamos a muito ter superado esses preconceitos sem futuro, em nome de uma convivência mais inteligente da diversidade do ser humano e da paz entre as nações.

Desconstruir todos os jeitos explícitos ou implícitos de preconceito é intuito do exercício de cidadania e devemos estar articulados para este desafio.

REFERÊNCIAS:

- BONETI, Lindomar Wessler. Etnocentrismo, cultura e políticas educacionais. Disponível em: http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq7/10_etnocentrismo_cultura_cp7.pdf>p. 161-180. 2009. Acessado em 25/08/2015
- CARVALHO, José Carlos de Paula. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. Interface – Comunicação, saúde e educação, vol.1. 1997.
- CONCEIÇÃO, José Augusto. PAULA, Celia Regina do Nascimento de. Etnocentrismo e territorialidade. Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade – www.uff.br/revistavitas, n. 1, setembro de 2011
- GATTI, Bernardete Angelina. A produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações. In: _____ A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil. Brasília: Plano Editora, 2002. p. 09-40.
- GOBINEAU, Comte de. Essai sur l'inégalité des Races Humaines. (1ª ed. 1854). Paris: Firmin-Didot & Cie., 1940
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p. 328-330.
- MENESES, Paulo. —Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. In: Revista Symposium, v. 3, Número Especial. Recife: Unicap, 1999.
- MOREIRA, A. F. B. (2001). Currículo, cultura e formação de professores. Revista Educar, Curitiba, Editora da UFPR, n. 17, p. 39-52.
- SIQUEIRA, Euler David. Antropologia: uma introdução. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. Departamento de Políticas em Educação a Distância – DPEAD. Sistema Universidade Aberta do Brasil. 2007.
- SOUZA, Isaac. A Questão Indígena, Uma Luta Desigual, Editora Ultimato. 2008
- TAGUIEFF, J. La force du préjugé, le racisme et ses doubles. Paris: Gallimard, 1990

